

Intervenção arqueológica num dos quarteirões da Baixa Pombalina em Lisboa¹. Estudo do espólio vítreo

LÍDIA FERNANDES*

MANUELA FERREIRA**

RESUMO

Descreve-se a intervenção arqueológica realizada em 1998, no quarteirão onde se situava o antigo Banco Nacional Ultramarino (actualmente pertença da Caixa Geral de Depósitos). Este trabalho, levado a cabo pelo Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Câmara Municipal de Lisboa – permitiu colocar a descoberto várias estruturas anteriores ao terremoto de 1755, as quais se analisam, bem como um conjunto de espólio vítreo, extremamente bem conservado, do qual se apresenta o seu estudo.

Palavras-chave: Vidros – Lisboa – Terremoto – Séc. XVIII – Urbanismo.

ABSTRACT

The article discusses the archaeological work that took place in 1998, undertaken by the archaeological services of the Museu da Cidade (Lisbon), in a quarter of Downtown Lisbon where a build former belonging to the Banco Nacional Ultramarino is situated. Work at the site uncovered several structures and a well preserved set of glass objects prior in date to the 1755 earthquake.

Keywords: Glass objects – Lisbon – earthquake of 1755 – 18th century AD – urbanism.

¹ Situado entre a Rua Augusta, Rua do Comércio e Rua de S. Julião.

* Arqueóloga do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Divisão de Museus / Câmara Municipal de Lisboa. Mestre em História de Arte.

** Investigadora. Mestre em Arqueologia.

THE JOURNAL OF THE ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE OF GREAT BRITAIN AND IRELAND • 1900

The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, published quarterly, contains original researches and reports on the physical and mental characteristics of man, and on the history and development of the human race. It also includes notices of books, and reports of the meetings of the Institute.

Published by the Royal Society, 1, BEDFORD SQUARE, W.C.

Subscription price, £10 per annum in advance. Single copies, 2s. 6d. per copy. The price of the volume for the year 1900 is £10. The price of the volume for the year 1899 is £9. The price of the volume for the year 1898 is £8. The price of the volume for the year 1897 is £7. The price of the volume for the year 1896 is £6. The price of the volume for the year 1895 is £5. The price of the volume for the year 1894 is £4. The price of the volume for the year 1893 is £3. The price of the volume for the year 1892 is £2. The price of the volume for the year 1891 is £1. The price of the volume for the year 1890 is £1. The price of the volume for the year 1889 is £1. The price of the volume for the year 1888 is £1. The price of the volume for the year 1887 is £1. The price of the volume for the year 1886 is £1. The price of the volume for the year 1885 is £1. The price of the volume for the year 1884 is £1. The price of the volume for the year 1883 is £1. The price of the volume for the year 1882 is £1. The price of the volume for the year 1881 is £1. The price of the volume for the year 1880 is £1. The price of the volume for the year 1879 is £1. The price of the volume for the year 1878 is £1. The price of the volume for the year 1877 is £1. The price of the volume for the year 1876 is £1. The price of the volume for the year 1875 is £1. The price of the volume for the year 1874 is £1. The price of the volume for the year 1873 is £1. The price of the volume for the year 1872 is £1. The price of the volume for the year 1871 is £1. The price of the volume for the year 1870 is £1. The price of the volume for the year 1869 is £1. The price of the volume for the year 1868 is £1. The price of the volume for the year 1867 is £1. The price of the volume for the year 1866 is £1. The price of the volume for the year 1865 is £1. The price of the volume for the year 1864 is £1. The price of the volume for the year 1863 is £1. The price of the volume for the year 1862 is £1. The price of the volume for the year 1861 is £1. The price of the volume for the year 1860 is £1. The price of the volume for the year 1859 is £1. The price of the volume for the year 1858 is £1. The price of the volume for the year 1857 is £1. The price of the volume for the year 1856 is £1. The price of the volume for the year 1855 is £1. The price of the volume for the year 1854 is £1. The price of the volume for the year 1853 is £1. The price of the volume for the year 1852 is £1. The price of the volume for the year 1851 is £1. The price of the volume for the year 1850 is £1. The price of the volume for the year 1849 is £1. The price of the volume for the year 1848 is £1. The price of the volume for the year 1847 is £1. The price of the volume for the year 1846 is £1. The price of the volume for the year 1845 is £1. The price of the volume for the year 1844 is £1. The price of the volume for the year 1843 is £1. The price of the volume for the year 1842 is £1. The price of the volume for the year 1841 is £1. The price of the volume for the year 1840 is £1. The price of the volume for the year 1839 is £1. The price of the volume for the year 1838 is £1. The price of the volume for the year 1837 is £1. The price of the volume for the year 1836 is £1. The price of the volume for the year 1835 is £1. The price of the volume for the year 1834 is £1. The price of the volume for the year 1833 is £1. The price of the volume for the year 1832 is £1. The price of the volume for the year 1831 is £1. The price of the volume for the year 1830 is £1. The price of the volume for the year 1829 is £1. The price of the volume for the year 1828 is £1. The price of the volume for the year 1827 is £1. The price of the volume for the year 1826 is £1. The price of the volume for the year 1825 is £1. The price of the volume for the year 1824 is £1. The price of the volume for the year 1823 is £1. The price of the volume for the year 1822 is £1. The price of the volume for the year 1821 is £1. The price of the volume for the year 1820 is £1. The price of the volume for the year 1819 is £1. The price of the volume for the year 1818 is £1. The price of the volume for the year 1817 is £1. The price of the volume for the year 1816 is £1. The price of the volume for the year 1815 is £1. The price of the volume for the year 1814 is £1. The price of the volume for the year 1813 is £1. The price of the volume for the year 1812 is £1. The price of the volume for the year 1811 is £1. The price of the volume for the year 1810 is £1. The price of the volume for the year 1809 is £1. The price of the volume for the year 1808 is £1. The price of the volume for the year 1807 is £1. The price of the volume for the year 1806 is £1. The price of the volume for the year 1805 is £1. The price of the volume for the year 1804 is £1. The price of the volume for the year 1803 is £1. The price of the volume for the year 1802 is £1. The price of the volume for the year 1801 is £1. The price of the volume for the year 1800 is £1.

Printed and Published by the Royal Society, 1, BEDFORD SQUARE, W.C.

1. INTRODUÇÃO²

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados no Banco Nacional Ultramarino, situado no segundo quarteirão da baixa pombalina, entre a Rua Augusta, a Rua do Comércio e a Rua de S. Julião, foram iniciadas em 2 de Dezembro de 1998, tendo-se prolongado até ao final do mesmo ano. As obras de engenharia destinavam-se à cintagem do edifício do Banco Nacional Ultramarino BNU, actualmente CGD, através da colocação de micro-estacas em posição oblíqua, direccionadas à subcave do mesmo, concentrando-se os trabalhos de consolidação e reforço das infra-estruturas na metade oeste daquele quarteirão.

A intervenção arqueológica decorreu da tomada de conhecimento, pelo I.P.P.A.R, das obras que então se iniciavam, tendo o Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade – Divisão de Museus da Câmara Municipal de Lisboa – actuado de imediato³.

O texto que agora elaboramos pretende dar a conhecer o tipo de intervenção realizado, sublinhando o facto de se tratar de uma escavação de emergência e, por tal, sujeita aos condicionalismos que uma escavação deste tipo enferma. Apresenta-se, igualmente, a análise do espólio vítreo encontrado, de enorme riqueza, não apenas do ponto de vista da conservação e quantidade dos espécimes mas, de igual modo, por terem surgido *in situ* no interior de estruturas que pudemos, em termos gerais, integrar, histórica e urbanisticamente, na Lisboa anterior ao terremoto.

² Os desenhos aqui apresentados são da autoria do desenhador Carlos Lemos (desenhos de estruturas) – Desenhador de Arqueologia da C.M.L., Museu da Cidade – a quem agradecemos a colaboração e de Manuela Ferreira (desenhos de materiais).

³ A responsável da intervenção arqueológica foi uma das presentes signatárias, auxiliada pelo Dr. Sérgio Carneiro como técnico de arqueologia. Gostaríamos de agradecer em especial ao Eng^o Álvaro Forjaz do B.N.U. que, desde o início, se mostrou inteiramente ao dispor para a resolução de qualquer contratempo que surgisse no decurso da escavação.

A publicação da totalidade do espólio recolhido, concretamente no que se refere aos espécimes cerâmicos e metálicos, será objecto de estudos posteriores. A singularidade do espólio vítreo justifica a sua divulgação desde já, uma vez que, e apesar da diminuta variedade de formas, a quantidade do espólio em presença ser deveras significativo assim como o contexto do achado corresponder, inquestionavelmente, a datas imediatamente próximas do terramoto de 1755.

2. METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

O acompanhamento arqueológico circunscreveu-se às áreas abertas pela empresa Pereira da Costa, não tendo sido previsto por nós próprios qualquer demarcação de outras zonas para uma possível intervenção. Tal facto deveu-se aos condicionalismos impostos pelos trabalhos de engenharia, uma vez que as três frentes de trabalho, localizadas nas três ruas onde os mesmos se processavam (Rua Augusta, Rua do Comércio e Rua de S. Julião), se iniciaram ao mesmo tempo (fig. 1). As áreas de escavação foram designadas por sondagens, sendo numeradas sequencialmente em cada uma das ruas.

Os trabalhos de engenharia iniciaram-se pela abertura de valas, a todo o comprimento da fachada dos edifícios. Estas valas, cuja profundidade atingiu 1,60/2 m tinham uma largura de cerca de 60/80 cm. A metodologia possível perante a abertura, em simultâneo, destas valas, foi a de acompanhar os trabalhos, visualizando os materiais e tipo de terras que surgiam, e interrompendo-os quando o aparecimento de qualquer elemento assim o exigia. Deste modo, foi possível recolher materiais avulsos, essencialmente cerâmicos, bem como fazer um reconhecimento geral da estratigrafia presente.

Os registos efectuados centraram-se nas estruturas e níveis ocupacionais colocados à vista pela remoção da terra, realizada pelas máquinas da obra. A estratigrafia registada circunscreveu-se, quase sempre, aos perfis das valas, depois de limpos e acertados os respectivos cortes.

3. SONDAGENS

3.1. RUA DE SÃO JULIÃO

3.1.1. SONDAGEM 1

LOCALIZAÇÃO

A dimensão desta vala abrangeu quase a totalidade da largura do passeio, tendo apresentado uma largura de 1,47 m a oeste e de 1,51 m a este. O comprimento

foi de 1,50 m atingindo idêntica profundidade. Localizou-se a 9,24 m da esquina da Rua de S. Julião com a Rua Augusta situada a oeste.

Não foi possível alargar a área de escavação, uma vez que de ambos os lados existia um cano de esgoto. A este da vala de sondagem, toda a extensão da rua se encontrava ocupada por uma caixa de enormes dimensões, correspondendo a uma das entradas dos colectores. Toda a estratigrafia, nesse local, se encontrava alterada.

ESTRATIGRAFIA

A estratigrafia detectada é bastante simples, apresentando seis camadas na totalidade. Os três estratos superiores podem ser relacionados com as canalizações e tubagens actuais, e os restantes, a maior profundidade, certamente que terão decorrido da destruição das estruturas dos sécs. XVII e XVIII (Fig. 2).

ESTRUTURAS

A única estrutura detectada foi uma soleira de porta, a qual apresentava uma orientação NO/SE. O material empregue foi o calcário rosa com vergadas brancas do tipo Pêro Pinheiro. Esta soleira é composta por duas pedras unidas a meio, no sentido transversal. A profundidade a que esta estrutura se encontrava era de 1,50 m, a partir do lancil do passeio (fig. 3).

No sentido longitudinal, a soleira apresentava um pequeno degrau, no qual bateria a porta, servindo a pedra de delimitação ao ângulo de rodagem daquela. De realçar o intenso desgaste no centro da soleira, com uma diferença de altura de 5,5 cm entre esse troço e os extremos da mesma.

A meio da soleira de porta, uma pequena concavidade rectangular funcionaria como a cavidade de descarga do ferrolho central da porta que, deste modo, seria composta por dois batentes, com ferrolho que encaixaria na soleira e, superiormente, no respectivo lintel. As duas portadas rodariam para o interior da habitação, que se desenvolveria para norte.

As dimensões da soleira de porta são de 24 cm de largura e cerca de 55 cm de comprimento, adossando, do lado oeste, a um pequeno muro em alvenaria, muito destruído, que usava como ligante uma argamassa de coloração alaranjada.

Imediatamente a norte desta soleira, e a ela encostada, eram ainda evidentes os restos de uma trave de madeira. Esta estabeleceria a ligação ao empedrado do chão do qual, no entanto, não nos chegaram mais vestígios do que algumas pedras soltas.

A importância do achado deste elemento pétreo reside no facto de ele corresponder ao limite de uma casa e, por tal facto, ao início da rua para a qual

a porta daria acesso. Deste modo, poderemos dizer que a rua e as casas deste local, em época pré-terremoto, possuiriam uma orientação distinta do planeamento urbanístico actual. Assim sendo, a orientação dos sécs. XVII/XVIII, ou se quisermos, da Lisboa pré-pombalina, seria SE/NO, ao invés da orientação N/S da reedificação pombalina.

No capítulo respeitante à “Memória Histórica” teremos oportunidade de analisar mais detalhadamente o urbanismo desta área anterior ao terremoto de 1755.

3.2. RUA AUGUSTA

3.2.1. SONDAGEM 1

LOCALIZAÇÃO

Esta sondagem realizou-se defronte à porta principal da fachada do actual edifício, coincidindo com a zona do passeio. A largura da vala foi de 1,27 m por 4,30 m de comprimento. A profundidade máxima atingida foi, sensivelmente, de 1,60 m.

ESTRATIGRAFIA

A estratigrafia detectada correspondia a camadas deposicionais intimamente relacionadas quer com o novo calcetamento desta rua, quer com a introdução das tubagens e canalizações que, neste local, são em grande número.

As camadas são todas muito recentes, exceptuando as últimas – camadas 5 e 6 – que poderão ser coevas das estruturas encontradas.

ESTRUTURAS

As estruturas postas a descoberto encontravam-se muito destruídas, o que é justificado pela estratigrafia evidenciada. Há, não obstante, indícios de que esta sondagem incidiu em duas áreas estruturais: uma habitação a sul, com pavimento em lajes calcárias, e uma calçada a Norte, com pavimento em seixo rolado. Esta calçada terá sido destruída pela colocação de um colector, tendo-se apenas conservado numa pequena extensão de cerca de 1 m x 35 cm. A calçada é composta por pequenas pedras em seixo rolado sendo, na sua maior parte, constituída por pedras basálticas.

A sul, foram encontradas lajes calcárias, facetadas, assentes numa camada de argamassa alaranjada (Camada 6). Estas lajes apresentavam-se em dois patamares. Um, a uma cota mais baixa – profundidade de 1,18 m, a partir da porta do B.N.U (soleira de entrada) –, e o outro, situado mais a norte, a uma profundidade de 1,43 m a partir do mesmo local.

Não nos foi possível observar a articulação entre esta estrutura e a calçada em seixo rolado, uma vez que as estruturas se encontravam destruídas nesse local. Pela cerâmica associada, ainda que pouco numerosa, bem como pelo tipo de estruturas, pensamos poder atribuir-lhes uma cronologia pré-pombalina.

3.3. RUA DO COMÉRCIO

3.3.1. SONDAGEM 1

LOCALIZAÇÃO

Esta sondagem situou-se a uma distância de cerca de 8,15 m da esquina com a Rua Augusta localizada a oeste. A vala de sondagem media cerca de 80 cm por 2,90 m de comprimento, no sentido N/S. A norte, a vala encostava praticamente à parede do edifício do B. N.U.

ESTRATIGRAFIA

Os estratos inferiores, pela sua constituição, indicam-nos camadas relacionáveis com o terremoto de 1755 (camadas 5, 6 e 7), tal como nos é documentado pelas argamassas soltas, terras cinzentas heterogéneas e, concretamente na camada 6, níveis de incêndio denunciados pelos fragmentos de vidro derretido de coloração azul opalino. A camada 7 mostra-nos estarmos perante sedimentos mais finos, os primeiros a terem caído durante o cataclismo, provenientes da destruição da estrutura envolvente.

Com efeito, os estratos relacionáveis com o tremor de terra são perfeitamente identificáveis na baixa pombalina onde as várias intervenções arqueológicas entretanto levadas a cabo, nos permitem uma relação cronológica dos mesmos.

A total compreensão da estrutura que a seguir descrevemos somente nos seria proporcionada pela abertura da sondagem 2, a qual se localizou a oeste desta sondagem.

ESTRUTURAS

Aquando da abertura desta vala pelas máquinas da obra, ficou patente no perfil oeste um pequeno arco. Este apresentava uma estrutura com um revestimento de estuque (1,5-2 cm de espessura), composto por argamassa de coloração amarela-alaranjada e recoberto com reboco esbranquiçado. Por baixo deste capeamento era visível, na parte superior, o sistema construtivo do arco em abobadilha composta por tijolos.

Somente se conservava cerca de metade deste arco, uma vez que a outra parte, mais a norte e junto à parede de fundação do B. N.U., se encontrava

destruída pela implantação desse edifício. O arco em questão encontrava-se conservado até à altura de cerca de 1 m. Dentro desta estrutura, sensivelmente a meio, passavam múltiplas canalizações e cabos eléctricos, razão pela qual a parte superior do arco havia sido igualmente removida.

Durante a limpeza do corte foram recolhidos inúmeros fragmentos de vidro, bem como pedaços, de grandes dimensões, de vidro derretido de coloração azulada.

3.3.2. SONDAGEM 2

LOCALIZAÇÃO

Situou-se a oeste da Sondagem 1. O intervalo entre as duas foi de cerca 1,47 m. A sua extensão, no sentido E/O, foi de 3,26 m e atingiu uma largura de 1,50 m.

ESTRATIGRAFIA

As camadas superiores (camadas 1 a 4) são recentes e coevas quer da colocação do pavimento actual, quer da introdução de infra-estruturas. Os restantes estratos (camadas 5 a 7) situam-se ao nível das estruturas arqueológicas testemunhando, na sua maioria, a respectiva destruição. Uma última camada (estrato 8) dispõe-se no sentido longitudinal da sondagem correspondendo, ou à vala de implantação do edifício do B. N.U., ou à colocação dos cabos eléctricos de alta tensão que passam nessa área.

ESTRUTURAS

Podemos relacionar as estruturas postas a descoberto nesta sondagem com as analisadas na sondagem anterior.

As estruturas exumadas parecem pertencer todas, inclusivamente as da Sondagem 1, a uma mesma construção. Elas prolongam-se para sul, assim como para este e oeste. Os vestígios construtivos encontrados, indicando pequenas áreas estruturadas, foram por nós designadas por “compartimentos”, os quais a seguir se analisam (fig. 4).

compartimento 1 – localizado na parte oeste da sondagem. Delimitado a este por um pequeno muro de alvenaria, conservado numa altura de cerca de 40 cm e com cerca de 20 cm de largura. Este muro encontrava-se muito destruído, apenas se conservando em relativo bom estado a sua face este. A largura conservada (mas não a dimensão real) era de cerca de 70 cm (E/O) e o comprimento visível

media cerca de 30 ou 40 cm. O pavimento, do qual não nos chegaram vestígios *in situ*, seria em soalho de madeira, atendendo à grande quantidade de cinzas e fragmentos de madeira queimada (Camada 7) que recobriam o interior deste espaço.

compartimento 2 – localizado a este do compartimento anterior, depois do pequeno muro de alvenaria, de orientação N/S, a que fizemos referência. Apresentava uma largura de 60 cm (E/O) e um comprimento de 90 cm. Este espaço era delimitado, a este, por um outro muro de alvenaria, com uma altura conservada de 62 cm e com uma largura de 20 cm. Apresentava um reboco de coloração esbranquiçada com cerca de 0,3 cm de espessura. O compartimento era sensivelmente quadrangular e o respectivo pavimento composto por uma argamassa, de coloração esbranquiçada, bastante compacta. Não sabemos se seria esse o revestimento original desta área, ou se a camada de carvões que aí foi encontrada corresponderia a um pavimento feito de traves de madeira. Uma dessas traves foi identificada à entrada do compartimento, como que servindo de separação entre esse espaço e a restante área.

MATERIAIS

Esta sondagem foi das mais frutíferas quanto a materiais arqueológicos. Na verdade, os materiais encontrados cingiram-se quase exclusivamente a um mesmo tipo: o espólio vítreo. A nível cerâmico o seu número é bastante reduzido sendo, quase sempre, fragmentos de cerâmica comum, possivelmente setecentistas.

CADINHOS

São de destacar seis cadinhos em cerâmica refractária de pequenas dimensões. Estas peças apareceram a Norte do muro que estabelece a separação entre o primeiro e o segundo compartimento. Esse muro está destruído no local onde, precisamente, apareceram estes elementos. Não apresentam vestígios de uso, a não ser um pequeno pingo ou escorrimento de uma liga metálica, possivelmente cobre, numa das paredes internas de uma das peças (fig. 11).

AZULEJOS

São de destacar cinco azulejos inteiros: dois com esponjado de coloração azul sobre fundo branco e dois de figura avulsa pintada a azul sobre fundo branco. Um azulejo de maior espessura que os anteriores certamente pertenceria a painel. É decorado por figuras geométricas e por um crescente lunar. É polícromo, tendo sido empregues as cores vinoso, cinza, verde e cor-de-laranja.

CERÂMICA

As peças de cerâmica não são em grande número. O acentuado espessamento das paredes de alguns fragmentos de cerâmica comum, permitem-nos atribuí-los, possivelmente, a alguidares. São ainda de citar vários outros fragmentos talvez pertencentes a pequenos potes ou panelas. É de salientar o achado de fragmentos de faiança de vidrado branco, pouco aderente, habitual nas produções cerâmicas da capital anteriores ao terremoto de 1755.

GARRAFAS DE VIDRO

Estas peças constituem, sem qualquer dúvida, o espólio mais relevante da intervenção arqueológica. Com o prolongamento da escavação para este, em direcção à sondagem 1, detectaram-se mais garrafas na área que depois designámos por Sondagem 2-a). A particularidade deste achado consiste no facto de as garrafas exumadas, na área que agora tratamos, serem de formato oval, distintas das que encontrámos, posteriormente, na zona mais a este (fig. 5).

Ao longo da escavação foram sendo recolhidos variados fragmentos de vidro, distorcidos pela acção do fogo. Curiosamente, no entanto, por baixo do estrato 4 já não ocorreram fragmentos vítreos distorcidos, aparecendo peças inteiras do mesmo material que não denotavam qualquer acção provocada por altas temperaturas. O número total de garrafas ovais inteiras foi de setenta e duas peças, número espantoso quer pelo belíssimo estado em que se encontravam (exceptuando duas que estão partidas no gargalo), quer pela pouca profundidade a que as mesmas foram detectadas.

De salientar ainda o facto, de o tipo de deposição das garrafas provar não ser aleatório. Com efeito, e apesar da dificuldade de observação causada pelos inúmeros fragmentos vítreos, bem como pelos bocados de argamassa que se encontravam colados ao material, foi-nos possível observar uma intencionalidade deposicional. As garrafas estavam alinhadas, encontrando-se as da primeira fiada, junto ao solo, com o fundo para baixo. A seguinte fiada de garrafas apresentava a posição inversa, uma vez que os gargalos se encaixavam por entre os gargalos e os bojos das garrafas da camada inferior. Não foi possível, no entanto, descortinar nem o número de fiadas sobrepostas, nem o respectivo número de garrafas de cada uma delas.

Após a remoção dos espécimes – uma vez feitos o respectivo levantamento fotográfico e registo gráfico – optámos por avançar a escavação para sul, com o objectivo de se recuperar a planta integral do compartimento onde se encontrava este espólio, o que foi conseguido.

3.3.3. SONDAGEM 2 – A)

LOCALIZAÇÃO

Localiza-se na continuação para este da Sondagem 2 estabelecendo, deste modo, a ligação entre as duas sondagens desta rua até agora referidas (sondagens 1 e 2). Apresenta a mesma largura da vala anterior e um comprimento de, sensivelmente, 1,47m. Obtivemos, deste modo, uma leitura integral de toda esta área, confirmando a relação entre essas estruturas e as colocadas a descoberto na parte oeste.

ESTRATIGRAFIA

As camadas detectadas, bem como a numeração atribuída, foram similares às referenciadas para a sondagem anterior.

ESTRUTURAS

Foi identificado um novo compartimento, a este dos dois detectados anteriormente, que designámos por “compartimento 3” e compartimento 4” (fig. 6).

compartimento 3: tem como delimitação o muro este, anteriormente referido para o compartimento 2. A oeste, esta área é delimitada pelo muro que havíamos identificado na sondagem 1. Deste modo, conseguimos obter o seu comprimento total (sentido E/O), que é de 1,32 m, ainda que desconheçamos a planta integral deste espaço. Também aqui foi encontrado um segundo depósito de garrafas, de formato prismático e secção quadrada. Por baixo deste espólio, localizava-se imediatamente o pavimento original, o qual era constituído por lajes calcárias.

A separação entre os compartimentos 1 e 3 era consubstanciado por um pequeno murete com uma largura de 24 cm, que se encontrava rebocado com estuque de coloração esbranquiçada.

compartimento 4: este espaço localiza-se a norte do compartimento 3. A separação entre estes dois espaços é realizada por um pequeno muro, constituído por uma única fiada de tijolos e com uma largura de apenas 14 cm. No interior daquela área encontraram-se alguns azulejos que se sobrepunham ao pavimento deste compartimento, composto por tijolos de dimensões idênticas aos que constituíam o muro. O pavimento prolongava-se até ao limite norte desta sondagem, terminando junto ao alicerce do Banco Nacional Ultramarino que o terá destruído parcialmente.

A delimitar esta área do pavimento e do pequeno muro em tijolo, a este, deparou-se-nos aquilo que pensamos ser o negativo de uma soleira de porta. Provavelmente

revestida originalmente com um capeamento em pedra, somente nos chegou o respectivo negativo, visível na argamassa que restou. Esta possível soleira situa-se por baixo do arco em abobadilha que havíamos descrito na Sondagem 1 desta rua.

MATERIAIS

São poucos os materiais encontrados. Destacam-se, antes de mais, as garrafas de vidro, extremamente importantes quer pelas peças em si, quer pelas informações que nos podem fornecer quanto à funcionalidade deste espaço.

GARRAFAS DE VIDRO

Foram encontradas quatro garrafas inteiras, de secção quadrada, formato prismático e gargalo redondo. As garrafas encontravam-se depositadas no compartimento 3 acima descrito, por cima das lajes calcárias. As peças foram depositadas em posição horizontal, em número de 12 na camada inferior, e de 14 nas que se lhe sobrepunham, num total de cinco fiadas sobrepostas. As garrafas foram colocadas lado a lado e estavam orientadas no sentido E/O. A posição das peças alternava de fiada em fiada, isto é, encontravam-se ora com o gargalo virado para norte, ora virado para sul na fiada imediatamente acima (fig. 7).

FRASCOS DE VIDRO

Foram encontrados dois frascos de pequenas dimensões. Um junto ao pavimento em tijolo e outro do lado oeste desta estrutura, numa camada possivelmente de revolvimento (camada 8). São de secção quadrada e de abertura circular (fig. 10).

AZULEJOS

Encontrados sobrepostos e virados ao contrário, em fiada junto ao muro em tijolo que separa o compartimento 3 do 4. Um azulejo em esponjado azul e dois azulejos brancos com desenho azul, formando uma barra.

3.3.4. SONDAGEM 3

LOCALIZAÇÃO

Com um comprimento de 2,62 m no sentido Este/Oeste e com uma largura entre 1,70 m e 1,60 m, esta vala de sondagem situa-se na Rua de S. Julião, precisamente na esquina com a Rua Augusta. A sua delimitação, a este, é realizada por uma caixa da E.D.P. que alterou a estratigrafia no local. A profundidade máxima atingida foi cerca de 1,77 m, a partir do lancil do passeio.

ESTRATIGRAFIA

A metodologia adoptada nesta vala de sondagem limitou-se à recuperação de alguns materiais, essencialmente fragmentos cerâmicos, não tendo sido realizado qualquer outro tipo de registo para além do fotográfico. Este facto deveu-se à enorme quantidade de cabos e tubagens que atravessam a esquina do edifício do banco tendo, conseqüentemente, alterado a estratigrafia da área, bem como impedido, em segurança, a actuação arqueológica. Do mesmo modo, não foi detectada qualquer estrutura, ainda que tenham sido observados alguns elementos construtivos, sobretudo telhas fragmentadas, assim como uma espessa camada de cinzas que deverá corresponder à derrocada dos caibros de madeira do tecto, caso estejamos perante o interior de uma habitação.

MATERIAIS

Dos materiais recolhidos, alguns da camada de cinzas, são de destacar faianças fragmentadas com decoração a azul e outros fragmentos com vidrado negro. É de salientar o aparecimento de um alguidar em liga de cobre praticamente inteiro, ainda que distorcido pela acção do fogo.

3.3.5. SONDAGEM 4

LOCALIZAÇÃO

O prolongamento dos trabalhos para a zona este da Rua de S. Julião, colocou a descoberto mais algumas estruturas, concretamente aquilo que inicialmente se pensou ser a boca de um poço. O centro deste “poço” encontra-se axializado com a ombreira oeste do n.º 94 desta rua⁴. Esta sondagem apresenta um comprimento de cerca de 4 m e uma largura de 1,75m, abrangendo a totalidade do passeio.

ESTRATIGRAFIA

As camadas superiores podem ser relacionadas com a colocação do lancil da rua e as inferiores, que ocupam praticamente toda a altura do perfil – que atinge uma profundidade máxima, a sul, de 78 cm – deverão ser coevas da introdução das canalizações que ocupavam a vala no seu sentido longitudinal.

A única camada digna de registo limita-se a um fino estrato, de cerca de 5 cm, sobreposto às lajes que rodeiam a possível “boca de poço”. Trata-se de uma camada de cinzas com bastantes fragmentos de tijolo, relativamente compacta e uniformemente disposta por cima das estruturas.

⁴ Somente desviado 4 cm para este. A “boca de poço” apresenta um diâmetro de 36-38 cm.

ESTRUTURAS

Das estruturas colocadas a descoberto é de destacar a já referida “boca de poço” (fig. 8). Esta era constituída por grandes pedras calcárias, com uma espessura de cerca de 12 cm situando-se cerca de 32 cm abaixo do nível superior do lancil do passeio. Estas pedras tinham 45 cm de altura e assentavam em pedras similares, colocadas horizontalmente, constituindo o pavimento.

No interior da referida “boca”, entulhos vários preenchiem a totalidade do espaço. Depois de removidos, foi possível observar que o espaço anteriormente circular adoptava um formato quadrangular, sendo também diverso o tipo construtivo. Com efeito, esta estrutura quadrangular fora realizada em tijolo, formando uma espécie de “caixa” com as dimensões de 53 cm, no sentido E/O, e de 57 cm no sentido N/S.

Desta caixa foi possível perscrutar o início de dois túneis com abertura em arco, um deles na parede este da “caixa” de tijolo e outro na sua parede norte, ou seja, em direcção ao actual edifício do B. N.U.

A existência de bocas de poço dos sécs. XVII-XVIII, anteriores à reconstrução da cidade após o terremoto, encontra-se perfeitamente atestada, não só do ponto de vista da historiografia como, de igual forma, arqueologicamente. Não obstante, o tipo de estrutura agora detectado leva-nos a considerar outras funções. Uma hipótese é de que se tenha tratado de uma boca de incêndio de época pombalina. Quanto à cronologia, nem a estratigrafia nem, tão pouco, os materiais encontrados nos parecem fiáveis para estabelecer uma datação precisa. A pouca profundidade a que a parte superior das lajes circulares se encontrava – somente 32 cm – e o tipo de trabalho das referidas lajes – riscado fino e paralelo do tipo serra mecânica – são indícios que nos levam a questionar uma cronologia muito recuada. Pensamos estar perante uma boca de incêndio do período pombalino. Provavelmente de usufruto público, esta estrutura deveria situar-se num espaço arranjado para o efeito, onde as lajes em pedra rodeavam a “boca”, tendo a restante área sido revestida por um pavimento de tijolo.

4. O ESPÓLIO VÍTREO DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

4.1. INTRODUÇÃO

A garrafa em vidro verde profundo nasceu em Inglaterra. Tratou-se, segundo parece provado, de uma invenção deliberada dos inícios dos anos trinta do séc. XVII.

Este novo contentor, mais robusto que a predecessora garrafa em vidro pálido, veio a substituí-la, especialmente enquanto recipiente para transporte e comer-

cialização de vinho. Daí ter passado a ser ulteriormente designada por “garrafa de vinho inglesa”, mesmo quando o seu conteúdo se desconhece. Em França, vulgarizar-se-ia a expressão *verrerie en noir* na denominação do vidro verde profundo em que passou também a produzir-se uma parte das garrafas destinadas ao armazenamento de vinho e outros líquidos. A iconografia mostra-nos que, à mesa, as garrafas de vidro verde profundo passaram a misturar-se com as garrafas em vidro claro que as antecederam.

No séc. XVIII, beber era ainda uma ocupação corrente e socialmente aceite. Mesmo cingindo-nos à pintura azulejar, não escasseiam exemplos de painéis em que as garrafas de vidro dito “negro”, como consta de muitas fichas de peças do tipo existentes em museus nacionais, são utilizadas para o serviço de vinho às refeições.

Em Portugal, é cedo para datar, a espaços de décadas, as alterações morfológicas operadas nas garrafas de vidro verde entre os finais do séc. XVII e o dealbar do séc. XIX, ao contrário do que sucede em Inglaterra, nos Países Baixos, e nas colónias inglesas do Novo Mundo. Por tanto revestem-se de especial interesse os dois frascos, as cinco garrafas prismáticas e as setenta e duas garrafas ovóides e atarracadas recuperadas na Rua do Comércio, em Lisboa: trata-se de três formas bem datadas, já que seladas por derrubes do terramoto de 1755, a pôr a par das já exumadas, na capital, de análogo contexto cronológico.

4.2. GARRAFAS E FRASCOS

4.2.1. Características formais e tecnológicas

São seis as garrafas de secção quadrangular (fig. 9). Estas apenas diferem na conformação dos anéis, manualmente aplicados a quente, que rematam os bocais. O mesmo foi observado em análogas garrafas anteriormente exumadas do solo de Lisboa (Ferreira, 1997, Plate 2/III – 4 a 7) e Évora (Ferreira, em publicação) e, de modo geral, nos recipientes deste género, dos sécs. XVII e XVIII, provenientes de outras latitudes⁵.

Tal como os demais conhecidos, os exemplares da Rua do Comércio foram soprados em molde fechado. Não há, pois, lugar a assinalar as estrias longitudinais de que são portadores os produtos vítreos soprados em moldes bivalves ou trivalves. O adelgaçar do corpo destas garrafas, ténue mas progressivo do ombro à base é, não só voluntário, como consequência do emprego de tal tipo de molde no

⁵ Ciepiela-Kubalska, 1994, p. 299, fig. 3; exemplares dos Museus Etnográfico de Loulé e Municipal de Elvas, este último documentado no *Ficheiro do Vidro...*

processo de fabrico. Função do mesmo é a menor espessura do vidro ao nível das paredes do que nos fundos e nos ombros. Os fundos cónicos, pronunciadamente reentrantes, determinam que, na prática, as garrafas repousem sobre os quatro ângulos dos quadriláteros irregulares que são as bases. Foram deixadas indisfarçadas as largas marcas, em média de 23 mm, de arranque do pontel.

A altura destas garrafas varia entre os 282 e os 290 mm; o peso, entre 1 100 e 1 200 grs. A capacidade da n.º 1 (fig. 9), que pesa 1 200 gr e mede 286 mm de altura, é de 2 375 ml. A tais proporções respondem, *mutatis mutandis*, as garrafas homólogas conhecidas noutros países⁶.

Todos similarmente atarracados, ainda que lenticulares, em maior ou menor grau, os sete exemplares, periformes ou sobre o globular, ilustrados na 10/2-7 constituem uma selecção representativa das variantes observadas no conjunto das setenta e duas garrafas livremente sopradas.

Ainda que ignorando as particularidades dos diversos e numerosos recipientes, o n.º 11/1 (fig. 11/1) pretende ser o protótipo deste tipo de recipiente em que uma produção célere porque quantitativamente exigente deixava amiúde marcas de uma factura pouco cuidada, como são a obliquidade dos colos, a assimetria das panças ou o descentramento das bases cónicas por vezes claudicantes. A forma pela qual os cordões que sublinham os bordos a estes foram enrolados denota igualmente pouco apuro formal.

Se nas garrafas prismáticas é o longo corpo afilado que se impõe, não logrando os curtíssimos colos reter a atenção, nos espécimes homólogos periformes e globulares as dimensões destes quase igualam as daqueles. Os corpos, ou panças, apresentam-se particularmente reduzidos quando bicónicos ou carenados. O achatamento das paredes por meio de um utensílio de madeira do tipo da espátula deixou nas panças a mesma ligeira reentrância mediana que se constata nos frascos. (fig. 11/2-7)

A garrafa de maior capacidade pode conter 1125 ml de uma substância líquida; ela é, simultaneamente, a de maiores dimensões e a mais pesada (845 grs.). A de menor capacidade (750 ml) é, ao invés, a menor e a mais leve (430 gr). A altura média é de 182 mm. As garrafas do mesmo tipo oriundas de França têm capacidades bastante mais variáveis; não obstante, as garrafas bordalesas francesas, que são igualmente achatadas e medem 300 mm de altura devido aos altos colos que possuem, podem conter, em regra, 750 ml (Amouric e Foy, 1984, p. 159-160, fig. 10/1-2; McNulty, 197 p. 142)⁷. De menor envergadura (alturas

⁶ Holanda, 285 mm (McNulty, 1971, p. 105, fig. 17); Estónia, 250 mm (Roosma, 1969, p. 81, fig. 21); Alemanha, 300 mm (Dexel, 1977, p. 174, fig. 231); Inglaterra, 235 mm (Hume, 1961, p. 106, fig. 6).

⁷ Também a altura das "Bordeaux wine bottles" aqui publicadas variam, o mais das vezes, entre 160 e 180 mm.

entre os 160 e os 180 mm) e, por tanto, verosimilmente de inferior capacidade, são as garrafas de vinho de Bordéus publicadas por McNulty (1971, p. 142). As dimensões do vasilhame vinário inglês parecem muito variáveis e, de facto, inferiores tanto relativamente às dos exemplares franceses como às dos portugueses da Rua do Comércio como de outras proveniências⁸, cujas dimensões parecem aproximar-se mais das garrafas do vinho de Bordéus, o que talvez tenha estado na origem do galicismo popular “botelha”.

O quadro abaixo permite ajuizar as variações de altura, peso e capacidade das sete garrafas seleccionadas (fig. 11/1-7).

N.º das Peças	Características		
	Altura	Peso	Capacidade
11/1	185 mm	595 gr	875 ml (a)
11/2	193 mm	740 gr	875 ml (b)
11/3	166 mm	495 gr	875 ml (b)
11/4	176 mm	430 gr	750 ml (b)
11/5	188 mm	600 gr	750 ml (b)
11/6	188 mm	590 gr	1000 ml (a)
11/7	181 mm	710 gr	875 ml (b)

(a) – Cheias até ao bordo.

(b) – Cheias até à base do colo.

Algumas das garrafas de ambos os tipos apresentam argamassa compactada no colo, no ombro ou nas paredes (fig. 9 e 11/4). Nenhuma comporta qualquer selo, ou outra marca, que permita a identificação com qualquer fabricante ou encomendador privado ou institucional.

É rectangular a secção dos dois frascos (fig. 10). Soprados em molde fechado, possuem bocais esvasados irregulares e mal acabados, ostentam leves convexidades nas quatro faces do corpo e, nos fundos reentrantes, marcas de pontel de 22 mm de diâmetro, ou seja, da mesma grandeza das dos fundos das garrafas quadrangulares.

⁸ Dos 100 (Gooder, 1984, pp. 232, fig. 44/66-69) aos 200 mm (Frayer e Shelley, 1997, pp. 200-01, figs. 31/2 e 32/3), encontram-se garrafas de variadíssimas alturas, variando a mais comum entre 120 e 140 mm. Da Casa dos Bicos provieram garrafas deste tipo que medem 150 mm de altura (*Catálogo da Exposição Lisboa...*, 1994, p. 258, n.º 325) e a média de altura das do teatro romano e/ou Ruas dos Correeiros/Pedras Negras há-de ter sido (nenhuma foi encontrada intacta) cerca de 140 mm.

Assemelham-se singularmente a frascos ingleses datados dos sécs. XVII e XVIII, embora a secção destes seja quadrangular e não rectangular (Moorhouse, 1971, p. 70, fig. 29/65; Huggins, 1966, p. 88, fig. 31/5-7). O achatamento das paredes ou panças servira propósitos de armazenamento, tanto enquanto em posse do vendedor como nas caves dos compradores.

Todos os recipientes considerados foram feitos a partir de vidro transparente verde acinzentado de diversas, embora próximas, tonalidades. É, no dizer da época, o “vidro negro”, designação retida pelo *Diccionario de Autoridades...* da Real Academia Espanhola (1726, p. 661)⁹ e ainda hoje univocamente empregue na literatura arqueológica tanto de expressão francesa (Amouric e Foy, 1984, p. 151-159)¹⁰ como inglesa (McNulty, 1971, p. 109)¹¹.

4.2.2. Funções e contextos de utilização

As garrafas e os frascos prismáticos são monólitos hieráticos de forma bastante linear. O geometrismo da forma que revestem foi todavia muito apreciado numa época em que os cânones do Barroco davam relevo às formas poligonais.

Dado o pioneirismo do mundo anglo-saxónico no estudo da garrafaria e da frascaria dos finais do séc. XVII e do séc. XVIII, tornou-se excessivamente comum, e impreciso, associar as garrafas quadrangulares ao armazenamento e transporte do gim. Todavia, tal forma assumiram também os recipientes em vidro destinados a produtos de botica, não só no Novo Mundo como nos países de origem dos colonos (Huggins, 1966, p. 89; McNulty, 1971, p. 100) e em outros países europeus, de Portugal (Dias, 1994, p. 37, fig. 41)¹² à Estónia (Roosma, 1969, p. 81)¹³.

Não tendo o gim sido, entre nós, bebida de consumo corrente, é mais plausível considerar que a garrafaria de secção quadrangular fosse destinada, exactamente na mesma medida que a demais – quer dizer, nem sequer de forma exclusiva – a conservar vinho. E neste contexto, afigura-se-nos que a garrafa prismática deve ter possuído uma carga de distinção superior à da garrafa globular, lenticular ou não, bem como à da garrafa cilíndrica, a qual não ocorre sequer

⁹ “*botella - ... redóma de vidro mui doble negra, com el cuello angosto (...) las quales se usan oy mui comunmente para traher vinos de fuera y otros liquores*”.

¹⁰ “*La verrerie en noir*”.

¹¹ “*Black bottles*”.

¹² Igualmente se poderão indicar outros exemplares, como os espécimes da colecção da Casa-Museu Guerra Junqueiro documentados no *Ficheiro do Vidro...*

¹³ Trata-se de garrafas quadrangulares, de botica, do séc. XVIII, com inscrições pintadas identificando os produtos nelas contidos, da colecção do Folksmuseum de Paide.

neste espólio (Hume, 1961, p. 106)¹⁴. A sua maior raridade não é unicamente constatável no conjunto de recipientes da cave da Rua do Comércio que era, de forma verosímil, o armazém de um revendedor; tal é observável tanto no âmbito de outros espólios arqueológicos como no conjunto das existências nos museus nacionais.

A rara representação iconográfica de garrafas e frascos deste tipo parece também corroborar o postulado enunciado. Um dos painéis de azulejos do Hospital da Misericórdia de Abrantes¹⁵ mostra uma cena de refeição na qual tanto o traje das personagens, como a presença de criados e a natureza dos objectos dispostos sobre a mesa, denunciam o alto estatuto social dos convivas. Em tal contexto, é prismática a garrafa que se pode observar sobre o bufete de apoio ao serviço da refeição.

A utilização da forma prismática em recipientes de uso farmacêutico não terá deixado, igualmente, de emprestar a este género de vidraria um prestígio particular, por associação com as artes, mais ou menos requintadas, sigilosas ou dispensadoras de esperança, de físicos, boticários e alquimistas que, ademais, eram amiúde exercidas por monges. Finalmente – factor adicional relacionável com a posse, reservada a alguns, de certos bens – eram estas as formas dos recipientes das frasqueiras equivalentes às prestigiadas *case-bottles* do mundo anglo-saxónico que, entre nós, unicamente os róis da nobreza mencionam (Sousa, 1956, p. 49)¹⁶. O carácter erudito e luxuoso das mesmas é patenteado pelos exemplares conservados nos museus¹⁷ e Bluteau, tendo ignorado no seu *Diccionario Portuguez e Latino...* o plebeu termo de “botelha” por vezes citado a par do de “garrafa” nas fontes escritas (Pires, 1897, p. 746)¹⁸, não deixaria de definir frasqueira: “Vaso, a modo de Caxa, ou Arca pequena, com repartimentos para frascos” (Bluteau, 1713, IV, p. 294).

À garrafa do painel de azulejos de Abrantes cremos não poder aplicar-se a denominação de “botelha”, mas antes a de “garrafa” ou, talvez mais apropriadamente

¹⁴ Refere-nos o autor que: “In the eighteenth century the case bottle increased in popularity and many sets survive in handsome wooden cellars.”

¹⁵ Arquivo de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian. Embora fora de Portugal, “Un déjeuner de chasse” de C. Van Loo (1737), constitui exemplo, não só da presença de garrafas à mesa, como da concomitância de garrafas de vidro claro e de vidro “negro”.

¹⁶ Não sendo embora de vidro os frascos referidos no inventário em questão, o conceito é o mesmo: “Huma frasqueira coberta de couro dourada e prateada com doze frascos obra da Índia...”

¹⁷ Serão frasqueiras os “nove frascos [de vidro] dentro de um cofre de madeira” da Casa - Museu Guerra Junqueiro (Cad. n.º 335) e as “duas caixas, uma de *marrocaïn* preto com três frascos (n.º invº 3 274) e outra de madeira também com três frascos (n.º invº 11 189)” do Museu do Traje (Lisboa) referidas no *Ficheiro do Vidro...*

¹⁸ “Tres botelhas de vydro de Veneza...”; “Simquo garafas de vydro ... de Veneza...” (1615)

ainda, a de “frasco”, porque é evidente a intenção do pintor de representar a transparência do vidro incolor. Embora a questão da nomenclatura permaneça em aberto, o facto é que parece ter existido uma hierarquia, que o léxico não terá deixado de reflectir, nos recipientes para bebidas: na base da pirâmide encontrar-se-iam as garrafas ou botelhas sobre o globular em vidro “negro”, seguidas das garrafas ou frascos prismáticos feitos também em vidro “negro” e, finalmente, os frascos em vidro transparente incolor, intencionalmente tintos (Dexel, 1977, p. 174, fig. 231)¹⁹ ou em vidro pintado, coalhado e pintado e lapidado. Vejam-se os frascos licoreiros da Manufatura da Granja de St. Ildefonso (*Real Fabrica de Cristales...* 1991, p. 101-03) e, em Portugal, os exemplares das colecções dos Museus Municipal de Elvas e Nacional de Soares dos Reis (*Ficheiro do Vidro Conservado em Portugal*, 1989).

A garrafa globular, ou periforme, é aquela que habitualmente se tem vindo a designar por “garrafa de vinho inglesa”. Bluteau refere-se verosimilmente a esta forma quando escreve “Garraffa entre nós he hum vaso de vidro de colo angusto, & bojo largo” (1713, IV, p. 34). Também em relação a este tipo de recipiente para líquidos há, porém, que admitir uma utilização mais alargada, como sugere a definição, acima evocada, dos dicionaristas espanhóis do séc. XVIII e numerosos trechos da literatura de ficção da época, em particular do teatro de cordel. Vejam-se duas dessas passagens.

“Chigaraõ ind’ágora lá im
baixo quatro canastradas de ca-
ça miuda, co’ alguas seis cargas
de **garrafas** de vinho...”

(ANÓNIMO, 1773, p. 17)

“... fui eu com toda a cautela ao armario das **botelhas**, e com o belo saca-rolhas, que trago sempre comigo, fui tirando as rolhinhas ás **garrafas**, e de todas ela tirei a sua porção, e depois em todas a Santa agua do pote fui fazendo o baptismo em todas as miseraveis...”

(ANÓNIMO, 1786, p. 2K)

A iconografia mostra, por outro lado, que a presença de asa não era imprescindível à garrafa destinada a servir à mesa, mesmo em contexto aristocrático

¹⁹ Trata-se, no caso vertente, de um frasco quadrangular de cor violeta.

e, de facto, são raros os casos, de que temos conhecimento, em que tal apêndice se encontra presente. No caso vertente, trata-se de garrafas sobre o globular do tipo da maioria das do espólio da Rua do Comércio, representadas numa cena de refeição de um painel da Quinta dos Chavões em Vila Chã de Ourique, Santarém²⁰.

Aquilo a que hoje chamamos “frasco” era, no séc. XVIII, “frasquinho”, “vidrinho” ou “redoma”, quer dizer, um recipiente de vidro de pequena capacidade mais próximo da *phiale* grega do que do *flasco* romano. Bluteau explica que “corruptamente se disse [do frasco] *Philasca*, donde tirarão os Italianos o seu *Fiasco*, os Francezes o seu *Flácon* & nós Frasco” pois “Frasco propriamente dito he Vaso mayor de vidro, com gargalo de tarracha.” (1713, IV, p. 204).

Certos grupos sociais possuíam as suas farmácias domésticas sob a forma de pequenas arcas, em última análise idênticas às frasqueiras para bebidas, cujos compartimentos eram ocupados por pequenos e médios contentores dos medicamentos da época (Jones e Smith, 1986, p. 93). Os frascos prismáticos da Rua do Comércio assemelham-se aos demais, datados do séc. XVIII, a que foi atribuída uma função farmacológica (cf. entre outros, Frayer e Shelley, 1997, p. 185, fig. 33 (1660 – 1700); Ashurst, 1987, p. 121, fig. 35). Todavia, eles podem igualmente ter sido pensados como boiões para conservas, como contentores de tinta ou de chá ou, talvez ainda mais provavelmente, de tabaco, vista a estrita analogia formal existente entre eles e dois frascos da América colonial inglesa datados da 1ª metade do séc. XVIII (Jones e Smith, 1986, p. 112, fig. 128-129).

5. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os dados fornecidos pela intervenção arqueológica permitem estabelecer algumas considerações quanto à história deste local, em época anterior ao terramoto de 1755.

As estruturas, assim como o espólio exumado, remetem-nos para épocas anteriores ao terremoto de 1755, ou seja, uma datação que rondará os sécs. XVII e XVIII, exceptuando os vestígios descritos na Sondagem 4 da Rua do Comércio os quais poderão abarcar épocas posteriores.

Se observarmos as plantas de Lisboa desta época, e baseando-nos nas plantas apresentadas pelo olisipógrafo Vieira da Silva (1960, II, p. 218) tendo por base

²⁰ Arquivo de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian

a reconstituição atribuída a José Valentim de Freitas (Macedo, 1941, III) (fig. 12), poderemos supor, ainda que com alguma margem para dúvida, que nos situamos num quarteirão que designaremos, a partir de agora, por Bairro do Espírito Santo, atendendo ao facto deste topónimo existir, à época, no local. Localizamo-nos, concretamente, no Beco do Espírito Santo, que cortava este quarteirão sensivelmente a meio, no sentido E/W. Era delimitado, a sul, pela Rua Nova dos Ferros, via comercial importante de longa data que teria sucedido à antiga Rua Nova dos Mercadores. Referida por Rua Nova até à segunda metade do séc. XV, terá adoptado, a partir de então, essa nova designação a fim de a distinguir da então criada Rua Nova d'El Rey. A colocação de um gradeamento na parte nascente da rua, durante a primeira metade do séc. XVI, terá justificado esta alteração toponímica. Deste modo, estender-se-ia, a nascente, a Rua Nova dos Ferros, destinada à circulação do tráfego, situando-se na parte ocidental as lojas de comércio mais importantes que atraíam progressivamente um público de maiores posses.

Com base no *Summario de Varia Historia* de Ribeiro Guimarães, diz-nos Gomes de Brito que "... se vê que era a rua escolhida pelos logistas mais abastados, e é de crêr, que n'ella moravam os commerciantes e os industriaes de mais grosso trato, visto que, n'essa época, o Bairro Alto, ou Villa Nova de Andrade ainda não era povoado, e todo o movimento, toda a actividade, se concentravam n'essa rua, e nas adjacentes. Devia, pois, ser a residência dos mercadores opulentos / Na epocha referida já os mesteres ou officios andavam arruados, mas vê-se que na Rua Nova se accumulavam diversos officios, contra o que protestava o author do manuscrito, porque assim estava perturbada a ordem que n'isto se puzera já nos últimos annos do seculo XIV" (Brito, 1935, p. 192 e 193).

As pequenas e inúmeras lojas, que se situavam nos becos e ruelas que proliferavam para norte da Rua Nova, eram geralmente mais modestas e de mais baixa condição.

Mas voltemos ao "Bairro" do Espírito Santo. A rodear este quarteirão, pela parte oeste, deparamo-nos com a fachada Este da Igreja Paroquial de S. Julião²¹, separada do bairro pela Rua dos Mercadores, tal como podemos observar na planta atribuída a José Valentim de Freitas. Deste modo, encontrava-se este quarteirão delimitado por duas igrejas, a supra-mencionada e, na parte este, constituindo um novo quarteirão, a Igreja Paroquial da Conceição.

Entre estes dois espaços corria, no sentido SO/NE, a Rua de Mata-Porcos. Este arruamento desembocaria, a norte, numa rua oblíqua de orientação NO/SE. Destinava-se aquela à matança daqueles animais e, esta, o Beco de Lava-Cabeças,

²¹ Ocupando antigos terrenos da Igreja Patriarcal.

tal como o nome sugere, à lavagem das respectivas cabeças. Esta última rua passa a ter designação de Beco nos inícios do séc. XVII, sendo então também designada por "Rua dos Luveiros".

Tentemos relacionar estes dados históricos da Lisboa pré-terramoto com os vestígios arqueológicos colocados a descoberto.

Foram detectadas estruturas na Rua de S. Julião (Sondagem 1), a uma distância de cerca 9,30 m a partir da esquina com a Rua Augusta. Estes elementos são, como já referimos, uma soleira de porta, com uma orientação SE/NO, e respectivos muros onde ela se encaixaria, assim como parte de uma rua em seixo rolado. Quanto à estruturação desta entrada, pensamos que dela se acederia à rua pelo lado sul, uma vez que o degrau mais baixo desta se situa a Norte, e não pelo sentido inverso²². Deste modo, o interior da casa deveria, obrigatoriamente, situar-se a norte e não a sul da soleira de porta. Pela comparação com as plantas atrás referidas, a Rua dos Mercadores delimitava a norte este quarteirão, não existindo qualquer outro eixo, a sul até à Rua Nova dos Ferros, que a pudesse finalizar. Por conseguinte, parece-nos mais provável que a soleira de porta encontrada na actual Rua de S. Julião não pertença a este quarteirão, mas sim àquele que se desenvolvia para norte da Rua Nova dos Ferros em época pré-pombalina. Ambos apresentam a mesma orientação SE/NO. Assim sendo, e embora permaneçamos ao nível da conjectura, a planta de reconstituição de Vieira da Silva, baseada nos levantamentos anteriores ao terramoto, apresenta alguma distorção. Logo, não somente o traçado deste quarteirão, mas também o daquele que se localiza no seu lado ocidental, onde se situa a Ermida de N. Sr.^a da Oliveira, deverão avançar para norte.

Vejam, agora, os vestígios detectados na Rua Augusta. Ainda que as estruturas observadas na Sondagem 1 não nos permitam atribuições funcionais seguras, pensamos poder relacionar o pequeno troço de calçada, localizado a norte desta sondagem, com aquela que foi detectada numa das primeiras sondagens de prospecção realizadas pela Empresa Pereira da Costa e que foi destruída antes do início da nossa intervenção. Assim sendo, estaríamos perante uma rua, revestida a seixo rolado, que, prolongando-se para nordeste, deveria ser limitada pela soleira de porta da Rua de S. Julião.

Apesar dos poucos troços encontrados, pensamos que nos encontramos na Rua Nova dos Ferros da Lisboa pré-terramoto, a qual continuaria o seu percurso para sudeste, fazendo fronteira com a referida soleira de porta da actual Rua de S. Julião.

²² A concavidade para a colocação do ferrolho, ou seja, o gonzo, encontra-se igualmente no degrau norte da soleira

Passemos agora para a Rua do Comércio, onde foram efectuadas as Sondagens 2 e 2-a).

A quantidade e a intencional arrumação metódica do vidro de embalagem encontrado *in situ* sugere que o espaço em que as garrafas foram achadas funcionou como depósito. O facto de nenhuma delas conter qualquer líquido, bem como de em nenhuma se ter encontrado qualquer rolha ou vestígio de tampa, levam-nos a concluir não ser o local um posto de venda de bebidas, mas sim, muito provavelmente, uma loja que transaccionasse garrafas vazias.

Observando as plantas antigas e considerando que as sondagens se localizavam a menos de 3,50 m a partir da esquina da Rua Augusta, atingindo o passeio norte da Rua do Comércio, parece possível encontrarmos-nos no antigo quarteirão que, em época pré-pombalina, se encontrava delimitado pelo Arco dos Pregos, a oeste e pelo Arco dos Barretes, pelo lado oriental. Trata-se de um quarteirão de formato rectangular que mantém a mesma orientação da anterior Rua Nova dos Ferros a qual o delimita pela sua parte norte. Pelo lado do mar, este quarteirão tinha frente com a antiga Rua da Confeitaria.

No que se refere àqueles dois arcos, será necessário não confundir o Arco dos Pregos, situado na Muralha de D. Dinis, com outro que, tendo o mesmo nome, se situava mais a sul e que terá de ser relacionado com a antiga muralha de D. Fernando²³. O presente Arco dos Pregos e o Arco a nascente, dito dos Barretes, deviam os seus nomes a “dez tendas de marçarias abastadas (...) que, segundo o que nelas se enxerga, valem mais de 4 mil reais cada uma”, como nos refere Júlio de Castilho, citando um manuscrito antigo (1942, III, p. 185). A designação de Arco dos Barretes deve-se à localização contígua do arruamento dos carapuceiros.

Mas voltemos à antiga Rua dos Confeiteiros que corria com a mesma orientação da sua congénere, Rua Nova dos Ferros, localizada a sul do quarteirão que há pouco referimos, e delimitado pelos dois arcos mencionados.

Parece que os ofícios dos confeiteiros apenas se confinaram a esta rua até 1534, data a partir da qual a rainha D. Catarina lhes ordenou um novo arruamento, situado na Rua dos Sacos, actual Rua Nova dos Mártires²⁴. Antes desta data ocupavam a rua

²³ Sobre estes dois Arcos dos Pregos *vide* Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, vol. III, Lisboa, 1942, nota n.º 10.

²⁴ No entanto, parece também que, antes do terramoto existiriam duas ruas do Saco, uma na freguesia dos Mártires, a que agora nos referimos e outra na freguesia de S. Julião. Diz-nos Luiz Pastor de Macedo a este propósito: “...o primeiro arruamento conhecido dos doceiros, foi na rua do Saco da freguesia de S. Julião e que, não cabendo todos lá, se estenderam para o oriente, no enfiamento da mesma rua e naquela onde até há pouco tempo tinham estado as ferrarias e que justamente por ter sido ocupada pelos confeiteiros passou a denominar-se rua da Confeitaria” (Macedo, 1941, vol. II, p. 50).

que ora nos interessa, sendo a mesma por vezes designada simplesmente como arruamento ao Arco dos Pregos, dada a proximidade do arco com aquele nome.

Tudo indica que esta rua mantinha o nome de Rua da Confeitaria em 1755, ainda que, em épocas anteriores, tenha tido outras designações, como nos refere Vieira da Silva ao ocupar-se da Rua das Ferrarias: "...ficava esta rua da Ferraria quási paralela à rua Nova, entre ela e o Terreiro do Paço. Em 1755 chamava-se rua da Confeitaria e beco do Jardim" (1940, p. 117). Se tal se passava no séc. XIV, vemos que, durante a centúria seguinte, funcionava também aqui o mercado das frutas, até ao momento em que D. Afonso V mandou transferir estas actividades para fora dos muros da Ribeira.

Em 1552, refere-nos Gomes de Brito, baseado no *Summario de Varia Historia* de Ribeiro Guimarães, que "a rua da Confeitaria então não tinha casas do lado do mar, e o author do manuscrito inclue na sua relação os predios d'essa rua, que ficavam nas costas da rua Nova. A muralha da cidade passava pela rua dos Confeiteiros, e no tombo feito depois do terremoto de 1755 se acham mencionados varios predios e lojas d'essa rua, do lado sul, mettidos no grosso da mesma muralha, que em parte, com referencia a alguns predios, se dizia ter 16 palmos de grosso" (1935, p. 193).

Vejamos agora o que aconteceu na Rua da Confeitaria quando, no dia 1 de Novembro, sobreveio o terramoto que destruiu toda a cidade de Lisboa. Recorramos à obra do Padre Manoel Portal, *Historia da Ruina da Cidade de Lisboa causada pello espantozo terremoto e incendio, que reduzio a pó e cinza a melhor, e mayor parte desta infeliz cidade*, do Arquivo das Congregações e apresentado por Francisco Luís Pereira de Sousa (1923, p. 574-577): "Em muitas ruas não fez o terremoto estrago consideravel, nem derrubou cazas, mas o fogo a muitas inteiramente as consumio. / A Rua nova dos mercadores, sendo tão delatada, não cahirão nella senão algumas cazas, mas o fogo inteiramente a reduzio a cinzas, ficarão só em pé as torres da Conceyção Nova todas arruinadas. O mesmo succedeo á Confeytaria, que de tal rua quasi não apparecem vestigios."

O facto de esta zona da cidade ter padecido mais devido aos incêndios do que pelo tremor de terra propriamente dito, está arqueologicamente documentado: as Sondagem 1, 2 e 2-a) da Rua do Comércio foram fecundas em vestígios da acção das chamas; entre eles contam-se grandes quantidades de vidro retorcido de cor azul opalino intenso, denotando a acção do fogo.

Por outro lado, na Sondagem 1 daquela rua as estruturas encontravam-se conservadas até à altura de cerca de 1 m. Originalmente, a porção das mesmas, conservada pelo terramoto, seria ainda mais alta, uma vez que o topo da construção somente terá sido destruído em época recente, pela introdução de cabos e tubagens.

Recorramos, mais uma vez, ao olisipógrafo Vieira da Silva. Escreve ele que "em 1755 as casas da rua da Confeitaria, bem como as do beco do Jardim

[finalizando a Oeste a rua da Confeitaria], tinham lojas, sobrelojas, e três, quatro ou cinco andares, formando os do lado norte da rua alpendrada sôbre as lojas e sobrelojas, idêntica às da rua Nova” (1940, p. 117). Esta rua, na qual terá existido aquilo que interpretámos como sendo uma loja de venda de vasilhame, situar-se-ia, pois, numa rua de intenso comércio.

Numa consulta da Câmara ao Rei, em 22 de Dezembro de 1750, aparecem-nos referências à venda de vidro, concretamente em duas lojas sitas na Ribeira “... em que se vendem vidros, que seus antepassados [de António Gonçalves de Carvalho e sua mulher, Francisca das Chagas] fizeram e haviam reedificado à sua custa em chão da cidade (...) as taes lojas eram sitas na Ribeira, em a travessa da primeira cabana, passando a casa da Almotaçaria, e que nellas se vendiam vidros” (Oliveira, 1906, p. 199 e 200).

O grande número de posturas relativas às vinhas na região de Lisboa, à venda do vinho e ao seu armazenamento em tonéis ou pipas, mostra quão intenso era o comércio do vinho em Lisboa²⁴. Quanto à toponímia, poderemos apontar a existência, em local próximo ao que agora tratamos, do Beco do Vidro, que tinha frente para a Rua dos Mercadores e confinava a Norte com a Rua Nova dos Ferros.

Interessante é o testemunho que nos legou um viajante, ao tempo de D. João V. “ Há nesta rua [rua dos Confeiteiros] uma singularidade: com quanto esteja ao nível do Tejo, sempre salgado, e não diste dele mais de trezentos passos, tem a Confeitaria nas suas casa poços de água doce belíssima. Quem vai às lojas comer gulodices, segundo é uso, bebe-lhes em cima água; e os moradores não querem outra” (Cit. por Castilho, 1942, vol. III, p. 178). É virtualmente possível relacionar esta água, e estes poços, com aquele por nós encontrado na Sondagem 4 da Rua do Comércio, dado que este relato de viagem é coevo da boca de poço posta a descoberto pela Sondagem 4 daquela mesma rua. A cronologia para que nos remete este apontamento histórico, ao tempo de D. João V, entre os anos de 1707 e 1750, sublinha uma atribuição cronológica similar para a boca de poço. No entanto, a pouca profundidade a que esta estrutura se encontrou, pode levar-nos a relacioná-la com a reconstrução pombalina e infra-estruturas então empreendidas, conforme já referido.

Finalmente, gostaríamos de chamar a atenção para o facto de ser possível integrar praticamente todas as estruturas detectadas ao longo desta intervenção arqueológica, nas plantas de reconstituição da cidade anterior ao terramoto de 1755.

Apesar de não serem de vulto as estruturas encontradas, topografamo-las – ainda que hipoteticamente – na planta de base realizada em 1650 por João Nunes Tinoco (fig. 13).

²⁴ Entre outras referências, vide *Livro das Posturas Antigas*, 1974, p. 18, 38, 50, 58-60, 78, 79, 82.

BIBLIOGRAFIA

- A *BOTICA de S. Vicente de Fora* (1994) – Lisboa: Associação Nacional das Farmácias. Catálogo.
- AMARO, C., coord. (1995) - *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.
- AMOURIC, H. ; FOY, D. (1984) – La verrerie en noir de Trinquetaille a la fin du XVIII^e siècle. *Archéologie du Midi Médiéval*. II, p. 151-161.
- ARTE y Tecnología del vidrio: *Real Fabrica de Cristales de La Granja* (1991). Segóvia: Fundación Centro Nacional de Vidrio. Catálogo.
- BLUTEAU, R. (1712-1728) – *Vocabulario Portuguez e Latino... ofrecido a elrey de Portugal D. João V*. Coimbra: Companhia de Jesus. 10 vol.
- BRITO, J. J. G. (1935) – *Ruas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. Vol. II.
- CASTILHO, J. (1941-42) – *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da Margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Câmara Municipal. Vol. II, III.
- CIEPIELA-KUBALSKA, S. (1994) – Bouteilles du XVIII^e siècle trouvées lors de fouilles en Pologne. In *Annales du 9^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre A.I.H.* Amsterdão: Associação Internacional para a História do Vidro. p. 291-305.
- DEXEL, T. (1977) – *Gebrauchsglas*. Braunschweig: [s. n.].
- DIAS, J. P. S. (1994) – *A Farmácia em Portugal*. Lisboa: Associação Nacional de Farmácias.
- DICCIONARIO de Autoridades de la Real Academia. (1964) – Madrid: [Real Academia]. 6 Vols. Edição facsimilada.
- FERREIRA, M. A. (1997) – Seventeenth and Eighteenth Century Glass Drinking Vessels and Bottles from Lisbon. *Comimbriga*. Coimbra. 36, p. 183-190.
- FERREIRA, M. A. (no prelo) – Verre et société à Evora (Portugal) du XVI^e au XVIII^e siècle. In *Annales du XIV^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Lochem : Associação Internacional para a História do Vidro.
- FICHEIRO do Vidro Conservado em Portugal (1989). In *Coleções Públicas e Privadas*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Vidro da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.
- FORTES, M. A. (1744) – *Lógica Racional, Geométrica e Analítica*. Lisboa: off. de Joze António Plates.
- FOX, R.; BARTON, K. J. (1986) – Excavations at Oyster Street, Portsmouth, Hampshire, 1967-71. *The Journal of Post-Medieval Archaeology*. Yorkshire. 20, p. 223-230.
- FRAYER, K.; SHELLEY, A. (1997) – Excavation of a pit at 16 Tunsgate, Guildford, Surrey, 1991. *The Journal of Post-Medieval Archaeology*: Yorkshire. 31, p. 139 – 230
- GOODER, E. (1984) – Finds from Temple Balsall. *The Journal of Post-Medieval Archaeology*: Yorkshire. 18, p. 221 - 246
- HUGGINS, P. J. (1969) – Excavations at Sewardstone Street, Waltham Abbey, Essex, 1966. *The Journal of Post-Medieval Archaeology*. Yorkshire. 3, p. 47 – 99.

- HUME, I. N. (1961) – The Glass wine Bottle in Colonial Virginia. *Journal of Glass Studies*. Corning. III, p. 91-117.
- JONES, O. R.; SMITH, A. (1985) – *La verrerie utilisée par l'armée britannique de 1755 à 1820*. Ottawa: Pares Canada.
- LISBOA *Subterrânea* (1994). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Milão: Electa. Catálogo.
- LIVRO *das Posturas Antigas*. (1974). Lisboa: Câmara Municipal.
- LUSITANO, Cândido, pseud. (1758) – *Memorias das Principaes Providencias, que se derão no Terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755, Ordenadas, e Offerecidas A' Magestade Fidelissima de El Rey D. Joseph I. Nosso Senhor*. Lisboa: [s. n.]. p. 338-350.
- MACEDO, L. P. (1941) – *Lisboa de Lés-a-Lés*. Lisboa: Câmara Municipal. Vols. II, III, IV.
- MCNULTY, R. H. (1971) - Common beverage bottles: their production, use, and forms in seventeenth- and eighteenth-century Netherlands. Part I. *Journal of Glass Studies*. Corning. XIII, p. 91-119
- MOORHOUSE, S. (1971) - Finds from Basing House, Hampshire (c. 1540-1645): Part Two. *The Journal of Post-Medieval Archaeology*. Yorkshire. 5, p. 35-76
- NOVO e divertido *Entremez Intitulado As gírias das Cozinheiras e a paciência das Amas*. (1786). Lisboa: Officina Morazziana.
- O AMANTE Jardineiro*. (1773). Lisboa: Officina de Francisco Sabino dos Santos.
- OLIVEIRA, E. F. (1904) - *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Lisboa: Typ. Universal. Vol. 1, XIII parte. p. 271 e 272.
- OLIVEIRA, E. F. (1906) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Vol. 1, XV parte. Lisboa: Typ. Universal. p. 199-207.
- PEREIRA, T. P. (1991) – *Tapetes de Arraiolos*. [Lisboa]: Fundo VIP.
- PINTO, C. V.; MONTEIRO, J. P. (1993) – *Colchas de Castelo Branco*. Lisboa: IPM.
- PIRES, A. T. (1899) – *Materiaes para a História da Vida Urbana Portuguesa: A mobília, o vestuário e a sumptuosidade nos séculos XVI a XVIII. Inéditos*. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 703-811.
- ROOSMA, M. (1969) – The Glass Industry of Estonia in the 18th and 19th century. *Journal of Glass Studies*. Corning. XI, p. 70-85
- SILVA, A. Vieira da (1940) - *As Murralbas da Ribeira de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. Vol. I.
- SILVA, A. Vieira da (1960) – *Dispersos*. Lisboa: Câmara Municipal. Vol. II.
- SILVA, F. Nery Faria e (1900) – *A Igreja da Conceição Velha e Varias Noticias de Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Libano da Silva.
- SOUSA, F. L. Pereira de (1923) – *O Terremoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico. Distrito de Lisboa*. Lisboa: Serviços Geológicos. Vol. III.
- SOUSA, M. T. Andrade e (1956) – *Inventários dos Bens do Conde de Vila Nova, D. Luís de Lencastre – 1704*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- TEDIM, J. M. (1989). Teatro da Morte e da Glória: Representações fúnebres nas Exéquias de D. João V na Sé de Braga. *Revista de Ciências Históricas da Universidade Portucalense*. Porto. IV, p. 281- 292

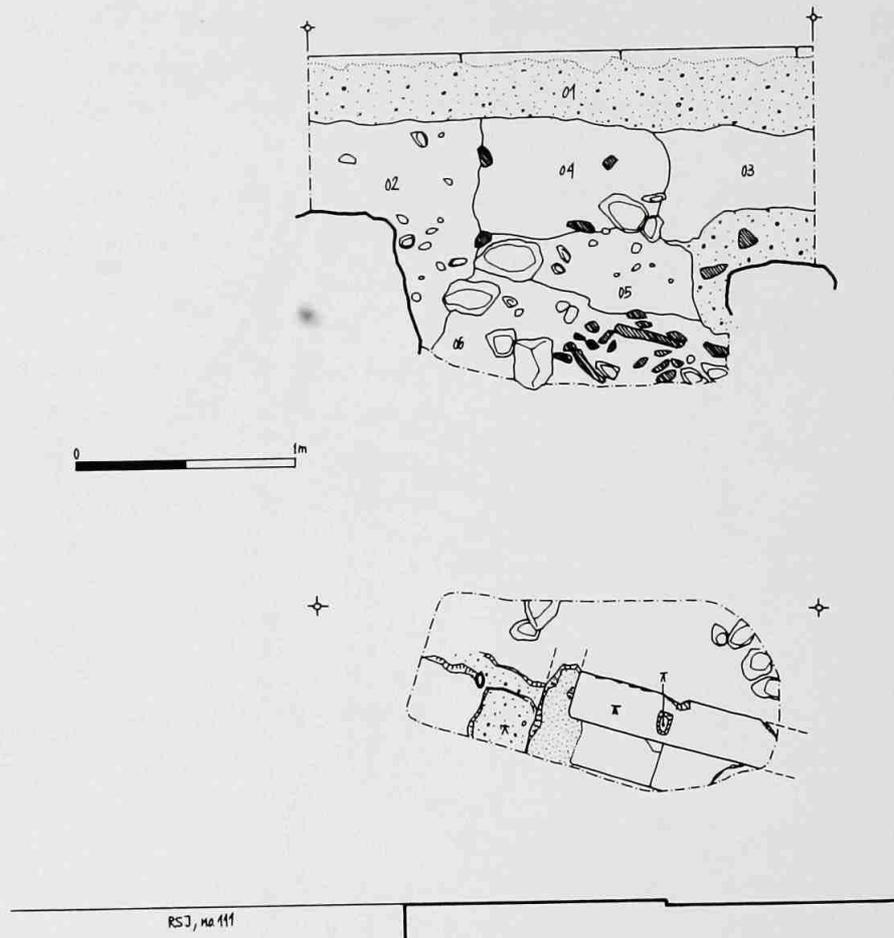


Fig. 2 – Perfil e planta da Sondagem 1 da Rua de S. Julião.



Fig. 3 – Sondagem 1 da Rua de S. Julião, observando-se a soleira de porta identificada no local.

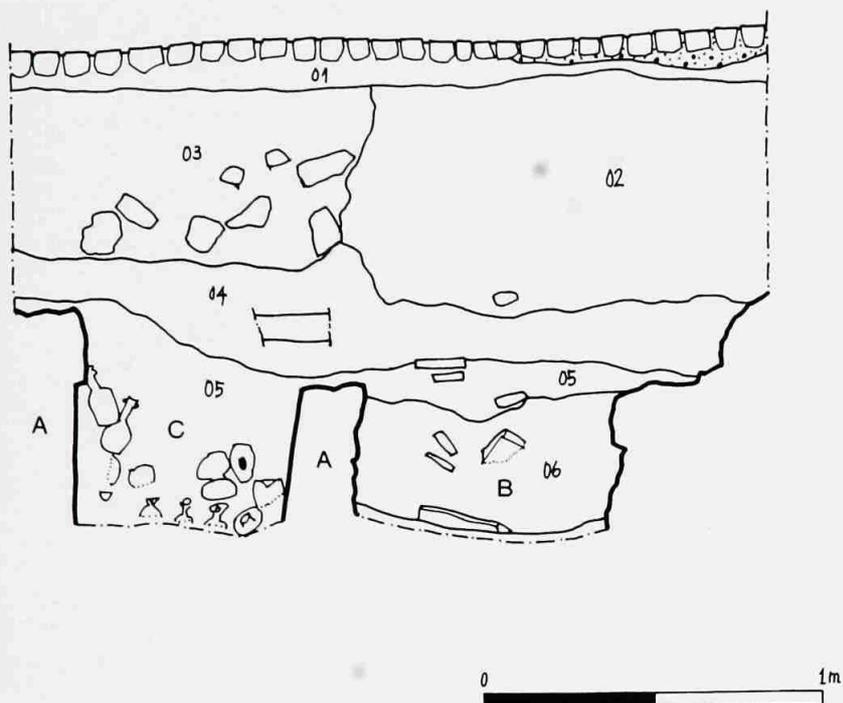


Fig. 4 – Sondagem 2 da Rua do Comércio. Perfil Sul: A – parede estucada, B – compartimento 1; C – compartimento 2.



Fig. 5 – Sondagem 2 da Rua do Comércio. Aspecto das garrafas ovais *in situ*, localizadas no que designámos por Compartimento 2 (letra C na Fig. 4).

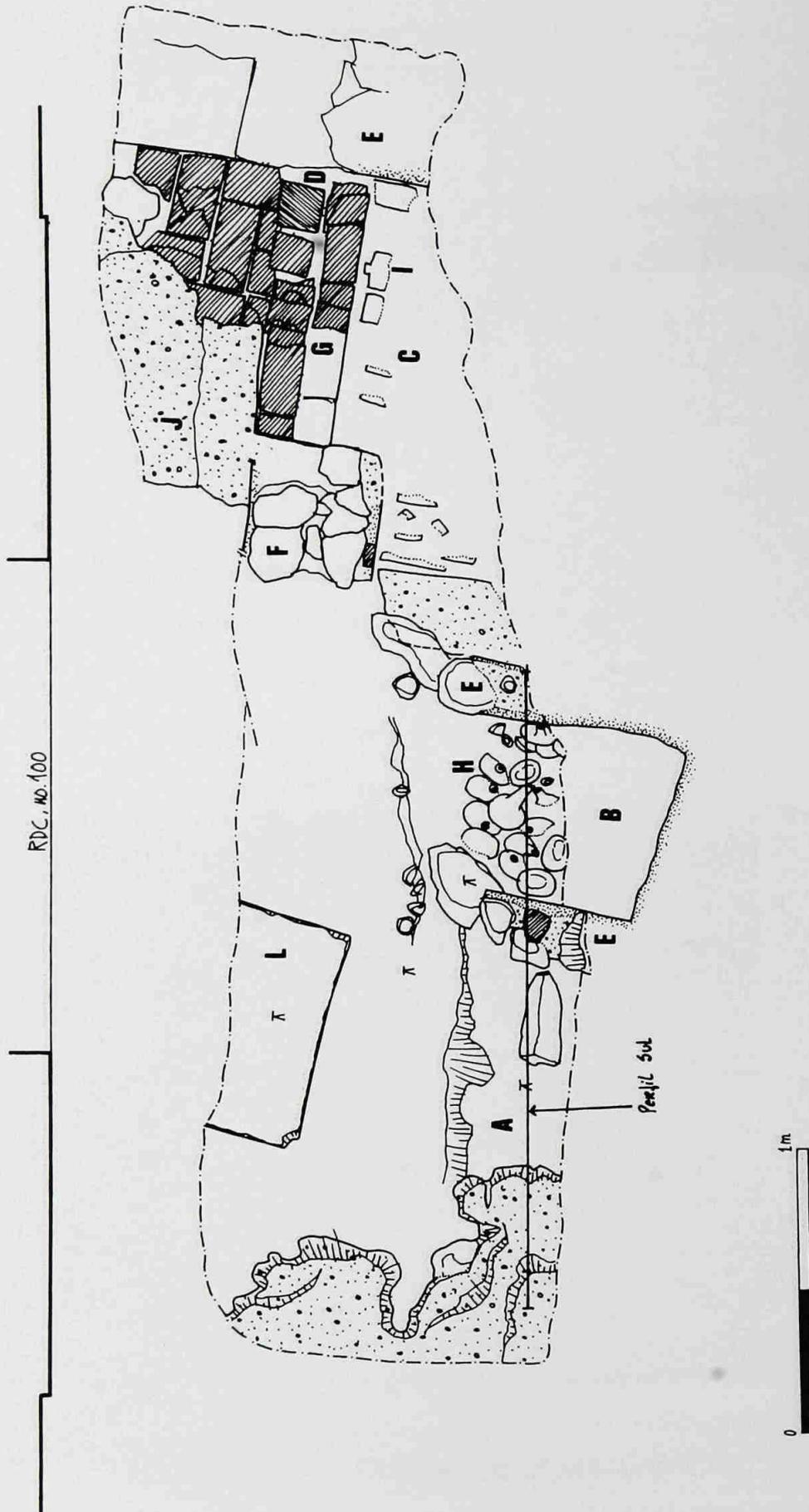


Fig. 6 – Planta das sondagens 2 e 2-A da Rua do Comércio. A – compartimento 1; B – compartimento 2; C – compartimento 3; D – compartimento 4; E – parede estucada; F – parede em alvenaria; G – muro em tijolo; H – garrafas ovais; I – garrafas prismáticas; J – argamassas; L – laje calcária não encontrada *in situ*.

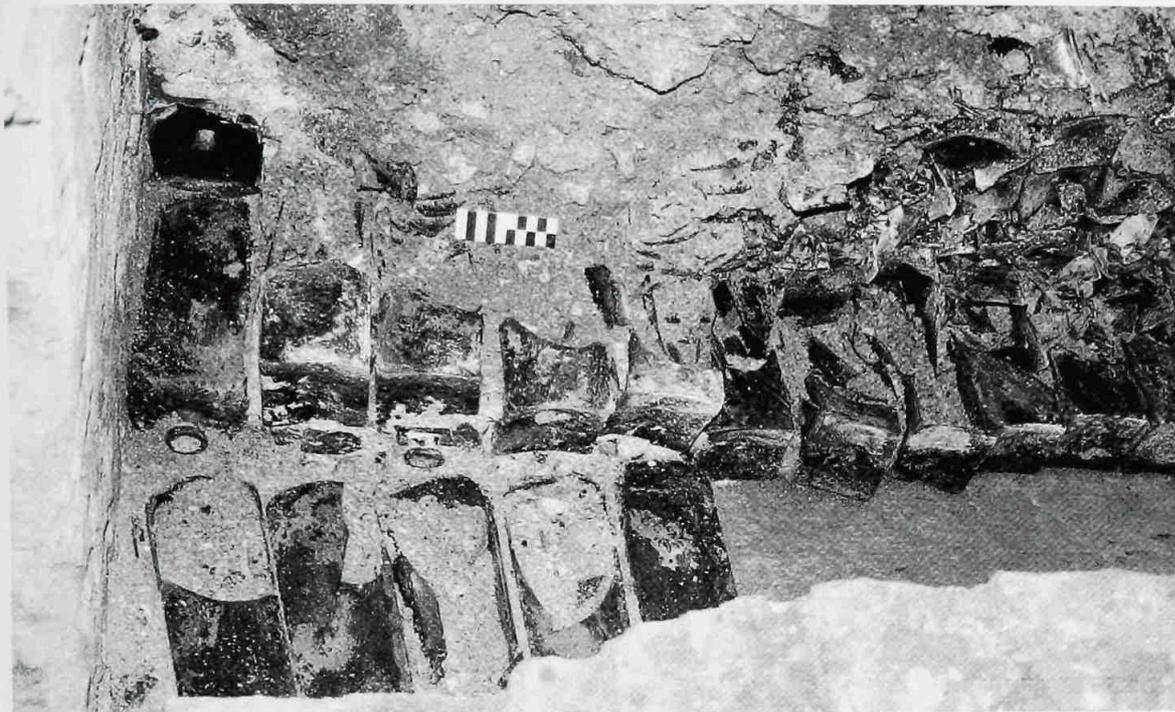


Fig. 7 – Vista de Norte para Sul do compartimento 3, observando-se as garrafas prismáticas *in situ*.



Fig. 8 – Sondagem 4 da Rua do Comércio. Vista da boca de poço, ainda com algumas pedras calcárias *in situ*.

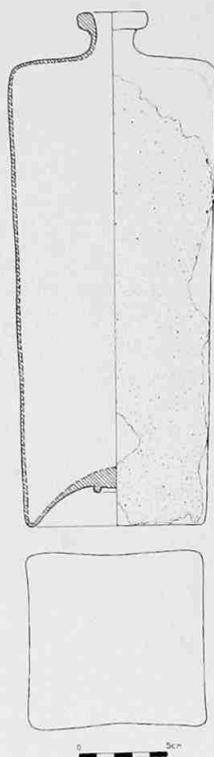


Fig. 9 – Garrafa prismática.

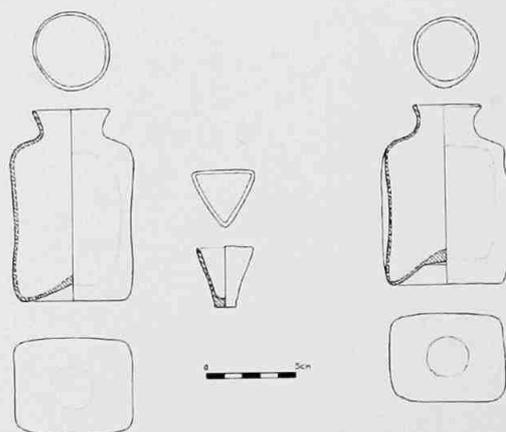


Fig. 10 – Frascos de secção quadrangular, exumados na sondagem 2-A da Rua do Comércio, bem como um dos cadinhos encontrados.

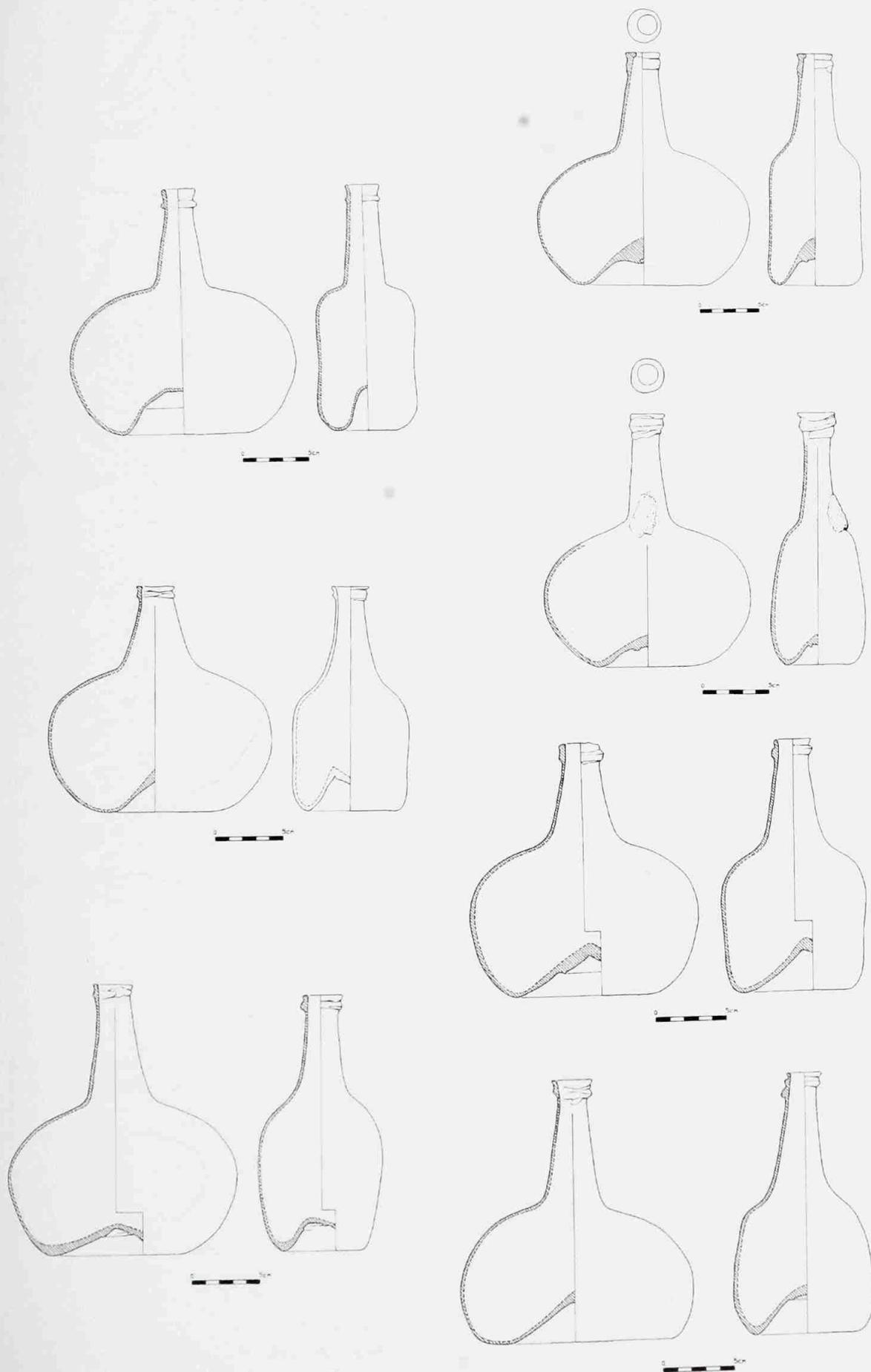


Fig. 11 – Garrafas ovais (imagens de 1 a 7).

